

PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DAS CISTERNAS E OS BENEFÍCIOS DA CAPTAÇÃO DA ÁGUA DE CHUVA PARA PRODUÇÃO

Animada na busca por oportunidades e melhorias para sua comunidade, a agricultora Isis Laila Freire (36), da comunidade tradicional de Fundo de Pasto Brejo de Dentro, município de Sento Sé-BA, tornou-se uma liderança comunitária. Laila mora com a tia, dona Ana Freire (68) e o filho caçula Paulo César (15). Além de cuidar dos afazeres domésticos, que são divididos na sua residência, ela integra uma horta comunitária composta por mulheres, faz parte da coordenação municipal do



Isis Laila contemplando a construção das placas

Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), coordena um grupo de jovens com 25 integrantes de comunidades vizinhas e ainda se envolve diretamente na atuação política em Sento Sé. Essa atuação engajada acontece em um cenário desafiador, tendo em vista que, por exemplo, atualmente, o legislativo do município não tem representação feminina.

Além de ser mulher, mãe, agricultora e liderança, Isis Laila, não perde nenhuma oportunidade de participar de formações, cursos e intercâmbios na busca por novos conhecimentos que possam contribuir com o avanço pessoal e/ou coletivo. Assim, ao ser convidada para participar da formação de cisterneiros e cisterneiras, Isis resolveu experimentar esse espaço, conhecer a prática e romper preconceitos.

A iniciativa faz parte do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, conhecido por “Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2)”, da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). O curso aconteceu na Comunidade Arapuá Novo, na região de Abóbora, em Juazeiro-BA, a cerca de 210 km do Brejo de Dentro. Foi lá que Isis Laila ficou por 4 dias, aprendendo técnicas para a construção das cisternas de placas de cimento.

Sobre essa experiência nova em um espaço que ainda é predominantemente masculino, a agricultora destacou a relevância de cursos com abertura para a participação feminina, mas salientou a importância da pessoa se identificar com o trabalho, seja homem ou mulher. “É interessante e produtivo também, principalmente, para nós mulheres estarmos ocupando espaços que a gente não tem muito lugar”, destacou.



Instrutor Edivandro orientando a construção dos caibros.

O instrutor da formação de cisterneiros/as, Edivandro dos Santos, natural de Jeremoabo-BA, ressalta que “é muito importante a inclusão das mulheres nesse trabalho, a mulher se sentir parte também dessa construção de Convivência com o Semiárido”. O instrutor conta também que nem todas as pessoas, seja homem ou mulher, vão se identificar com esse trabalho, assim como em qualquer outra função.

Nesse sentido, Isis e Edivandro fazem uma reflexão importante sobre a equidade de gênero, que ainda é pouco ou quase nada colocada em prática na sociedade. Pois as mulheres buscam condições para ocupar os diversos espaços, mas isso não significa que ela é obrigada a se identificar com todo tipo de trabalho, função ou espaço. O mesmo vale para os homens.

No caso da Isis, após a formação e as práticas do curso, ela constatou que não tem aptidão e interesse em atuar nessa função de cisterneira. “Pra mim não rolou muito. Essa questão de ser uma cisterneira pra mim é bem pesado e complexo”, frisou.

Ainda assim, Isis reforça que a objeção esteja relacionada à preferência pessoal e a outras questões como o costume com esse tipo de trabalho, que exige mais força física. Entretanto, isso não é motivo para excluir as mulheres. “Acho que também é por costume que a gente não tem esse tipo de trabalho (...) Eu acredito que têm outras mulheres que super topavam”, disse.



Isis Laila fazendo as placas de cimento.

Além disso, Isis conta que buscou mobilizar outras mulheres para o curso, mas infelizmente, por inúmeros motivos não puderam participar. Dentre as causas, ela destaca o machismo enraizado na sociedade. “Nem todo marido compreende e quer que a mulher acesse conhecimentos, quer a mulher ali segura, presa naquele mundinho”. A agricultora complementa ainda que: “Marido não gosta de reunião, é sempre a gente que vem para as primeiras reuniões. Dependendo do voltar (para casa) que pergunta assim: ‘É sobre o quê?’ Se for do interesse dele, a mulher já vai deixar de participar das reuniões, da caminhada, já vai ser o homem que vai se colocar à frente, e a mulher vai ficar em casa (...) Se não for do interesse do homem, a maioria vai dizer: ‘Vai fazer o que? É só perda de tempo, tem as coisas dentro de casa pra cuidar’. É a realidade, infelizmente”.

A situação explanada por Isis, reforça o quanto é necessário fazer as discussões sobre relação de gênero e divisão justa do trabalho nas comunidades, para sensibilizar e contribuir com a transformação da realidade social dessas mulheres. Compreendendo essa importância, o P1+2 visa debater o assunto com as famílias no Semiárido.

Acesso e qualidade da água de chuva

Sobre o acesso à água na sua comunidade, Isis conta que a casa de sua tia, onde mora atualmente, não tem cisterna, assim, sua família, bem como a comunidade, utilizam a água de poços artesianos (tubulares), inclusive para a produção da horta comunitária, organizada por mulheres, com o cultivo de alface, cebolinha, coentro, cenoura e tomate, por exemplo. A agricultora reconhece que a falta dessa tecnologia interfere significativamente na produção, pois se tivessem a cisterna poderiam aumentar e diversificar a plantação de hortaliças e, conseqüentemente, a comercialização do excedente na Feira Agroecológica de Sento Sé.

Ampliar o acesso à água promove segurança alimentar e nutricional, além da geração de renda, através da comercialização do excedente e propicia uma melhor qualidade de vida. “Para gente é uma preciosidade, primeiro o acesso a água pra você consumir, ter para beber, para banhar, pra cozinhar. Nem todo mundo tem um reservatório desse em casa. E a de produção vem ai pra ajudar, dar água para os animais. Uma de calçadão dá ainda pra consumir em casa, mas quando diz assim produção é porque é mais voltada para o manejo da roça, tanto do canteiro, pra mulher ter pelo menos o que temperar na panela e não tá dependendo de mercado. Você vai ter ali e vai tá economizando, de tá comprando fora e ainda sem qualidade”, ressaltou.

O instrutor da formação, Edivandro dos Santos, constrói cisternas desde 2006, o que lhe possibilitou ver de perto a transformação da vida de centenas de pessoas, que passam a ter essa tecnologia social ao lado de casa. “A cisterna é uma tecnologia muito importante, porque dá autonomia às famílias agricultoras do campo, seja pequeno agricultor, indígena, quilombola. Nas áreas em que eu trabalhei essas pessoas tiveram acesso a essas tecnologias que matam a sede das pessoas e dos animais. Então, ela é muito importante nesse sentido, como a gente vive aqui no Semiárido é uma saída para o pessoal continuar no campo”, afirmou.

Uma das residências que recebeu a formação de cisterneiros/as do P1+2, foi a do agricultor Arismário dos Santos (57). Ele nasceu na comunidade Arapuá Novo e não pensa em deixar o seu lugar de origem em hipótese nenhuma. Seu Arismário, que é criador de caprinos e ovinos, e cultiva plantas forrageiras para a alimentação dos animais, pontua como a cisterna de produção vai contribuir na sua lida. “A gente pode plantar uma leucena, uma gliricídia, essas coisas que servem de alimento pro bicho, e também gastar com alguma coisa assim, colocar água pro bicho”, explicou.

Outro destaque importante é que essa estratégia de fazer o armazenamento da água de chuva transforma a vida dos povos do Semiárido. Nesse sentido, a agricultora Isis ressalta, principalmente, a qualidade da água. “É uma água que é saudável, não passa por nenhum processo, não é contaminada (...) vem direto do céu e você está armazenando é um tesouro, é um modo de você viver bem mais”.

Vivências e relatos como esses comprovam o quanto as tecnologias sociais de captação e armazenamento de água de chuva transformam vidas, trazendo mais dignidade e saúde para as famílias. Diante disso, as políticas públicas de acesso à água são fundamentais no Semiárido brasileiro, porque nos períodos de estiagem prolongada, as famílias têm água para garantir a manutenção de suas vidas.

Dessa forma, o P1+2 tem como objetivo potencializar a implementação das tecnologias e, conseqüentemente, a produção de alimentos feita pelas famílias da zona rural do Semiárido Nordeste. Além de realizar formações acerca da utilização sustentável da terra e o manejo dos recursos hídricos para os diversos fins, sejam eles de criação animal ou de cultivos.



Cisterna de produção em processo de finalização.